

AS MENTIRAS A QUE TEMOS DIREITO

PARAGRAFINO PESCADA

“Babs”, “Joca”, “Joma” e “Lucy” Gosto muito de “petit noms”

Parem as máquinas, as leituras, os debates para as europeias e até a troca de opiniões sobre os jogadores que Roberto Martínez convocou para o Euro 2024. Atrevo-me até a dizer que o concurso de ábaco entre Joaquim Miranda Sarmento e Fernando Medina constitui um assunto de somenos face à relevância, digamos telúrica, da informação que tem circulado nos últimos dias, sobressaltando Portugal inteiro, incluindo as regiões autónomas e o faroleiro das Berlengas, que por conveniência da narrativa vamos supor que ainda existe.

Como é que o país se pode manter em sossego, tendo tido conhecimento que, cinco meses após o início do namoro, surgiram os primeiros sinais de afastamento entre Bárbara Norton de Matos e João Moura Caetano. Na realidade, a vida amorosa do cavaleiro tauromáquico de Monforte é uma verdadeira faena.

Caso se confirme a separação, será possível concluir que Moura Caetano praticou sobre a atriz a sorte conhecida como “porta gaiola”, na qual “o cavaleiro espera o toiro e, quando este sai dos curros, o cavaleiro avança de imediato e coloca no toiro uma bandarilha comprida”, apanhando o dito desprevenido. Segundo o site touradas.pt, “esta sorte é muito emocionante e perigosa” e compreende-se porquê. Aliás, Luciana Abreu, a anterior namorada do dito, pode explicar ao pormenor o sortilégio da “porta gaiola”.

A crise entre “Babs” (“petit nom” de Bárbara) e João consegue até ofuscar a novela de José Castelo Branco e Betty Grafstein, que parece mais uma coisa de arrastar a soca, com gritaria e porrada à mistura, ou seja, sem nível, ao contrário do ambiente tauromáquico que na aparência tem uma pátina nobiliárquica.

Aliás, “Babs” e João (será que lhe posso chamar “Joca”?) enfrentam concorrência de peso no que concerne à ocupação do espaço mediático. Por exemplo, a Joana Amaral Dias é muito combativa neste domínio e resolveu tentar entrar nas instalações da RTP para participar no debate para as eleições europeias, que contou com a presença de quatro cabeças de lista — Sebastião Bugalho (Aliança Democráti-

ca), Marta Temido (PS), João Oliveira (CDU) e António Tânger Corrêa (Chega). Joana (será “Joma” para os amigos?). Bem, na verdade, ela não queria participar no debate porque estas conversas, na generalidade, são maçadoras. O que “Joma” quis, e conseguiu, foi tentar entrar, ser travada e gravar tudo em direto para as redes sociais, de forma a promover a indignação, o desporto preferido dos portugueses logo atrás do futebol.

Esta ação de “Joma”, as gritarias de José, o “baby sitting” que Ventura está a fazer a Tânger e as fases de Fernando Serrano, que são mais do que as de Lua mas ainda assim menores que as de Marcelo Rebelo de Sousa, são concorrentes de peso de “Babs” e “Joca”. Por isso, sugiro a este dois diletos que façam como o Governo de Luís Montenegro e comecem a exonerar a torto e a direito. Como não podem despedir pessoas de cargos públicos, exonerem os amigos, os forçados, os capas e até aos cavalos, se for caso disso, acusando-os de incumprimento.

Ou então digam qualquer coisa de negativo sobre Javier Milei, o Presidente da Argentina, porque ele responde a tudo, e este comportamento abre uma excelente janela para uma eventual crise diplomática. Por exemplo, argumentem que a “sorte de violino” é melhor que o tango e pode ser que o homem se passe. Ainda para mais, esta sorte tem uma matiz ideológica não despicienda. Nesta sorte, explica o touradas.pt, “o cavaleiro avança para o toiro pelo lado direito, ao contrário de todas as outras sortes que são executadas pela esquerda. Em vez de avançar em linha reta para o toiro, descreve um arco e, ao reunir junto do toiro, o cavaleiro inclina-se para o lado esquerdo, colocando a bandarilha que leva na mão direita, num movimento similar ao que faz um músico ao tocar violino. Esta é uma sorte de adorno que se utiliza para encerrar a lide”.

E assim me vou. Estou contigo “Babs”, mas não te esqueço, Luciana Abreu (“Lucy”), mestra dos pensamentos profundos, autênticas farpas na nossa consciência. Como este, com que termino: “Quando acreditamos em nós, tornamo-nos imparáveis”.

Agora ide-vos aproveitar o sol. **w**

* COUVERT

POR AUGUSTO FREITAS DE SOUSA

Ljubomir: o “cheirista” dos vinhos

Enquanto Ljubomir Stanisic apresentava o seu vinho “Curioso” juntamente com um leite creme feito de fígados de tamboril, explicava que quis criar “um prato curioso, para um vinho curioso, que pode tornar-se uma coisa fora do mundo”. Pedia que, imediatamente a seguir a uma colherada, se bebesse um gole daquele vinho branco. Garantia que o sabor a laranja começaria a explodir na boca. E foi exatamente o que aconteceu.

O autointitulado cozinheiro “tugoslavo” apresentou no Bistro 100 Maneiras os seus novos vinhos, de uma série a que chamou Mestiço com dez brancos e tintos feitos em parceria com produtores vinícolas no Douro, Alto Douro e Alentejo. Com Mateus Nicolau de Almeida e Teresa Ameztoi, em Foz Côa, criou o “Bruto” e o “Sólido”, um branco e um tinto. Com a família Niepoort, no Douro, o cozinheiro produziu os brancos “Bravo” e “Viçoso” e o tinto “Maduro” e, no Alentejo, com Luís Louro e Inês Capão da Adega Monte Branco, juntou mais dois brancos e três tintos: “Curioso” e “Atrevido” e “Perigoso”, “Amoroso” e “Raro”.

O proprietário do 100 Maneiras e Bistro 100 Maneiras já não é apenas o líder das duas cozinhas. Assume-se cozinheiro, não se considera chef, mas é também “um cheirista que faz vinhos, pai, sapateiro, pedreiro, marceneiro”, entre outras atividades. Relativamente aos vinhos, Ljubomir explica que vai escolhendo lotes nas quintas dos parceiros. Revela que gosta de cheirar os vinhos “muito cedo de manhã, sem comer, beber ou fumar, sem tocar em nada”.

Todos os dez vinhos parecem ter uma história por trás. O cozinheiro conta que, quem o conhece, sabe que “é maluco” por “ras el hanout”, uma mistura magrebina de 21 especiarias, mas que ele próprio elabora. Um dia estava na quinta de Mateus Nicolau de Almeida — que lhe atribuiu o nome de cheirista —, quando escolhia um lote, e veio-lhe ao nariz o aroma da sua especiaria preferida. Pediu para parar tudo

O COZINHEIRO “TUGOSLAVO” APRESENTOU NO BISTRO 100 MANEIRAS OS SEUS NOVOS VINHOS, DE UMA SÉRIE A QUE CHAMOU MESTIÇO COM DEZ BRANCOS E TINTOS FEITOS EM PARCERIA COM PRODUTORES VINÍCOLAS NO DOURO, ALTO DOURO E ALENTEJO.

e a partir dali produziu o vinho tinto “Sólido”. Durante a apresentação, Ljubomir Stanisic organizou um menu de degustação com dez pratos para outros tantos vinhos. Num deles decidiu fazer um patê de sardinha para o vinho “Viçoso”, feito na Niepoort, porque quando prova o branco no Douro veio-lhe ao nariz a memória do patê Manná que costumava estar no couvert dos restaurantes.

Na comunicação de Ljubomir esta série de vinhos Mestiço é definida como uma “mistura de defeitos e feitos, de vícios e vicissitudes”. Destaca-se que “o blend não se faz só de uvas”, mas de “histórias, de amigos que discutem e riem”, e que “discordam e brindam juntos”. O cozinheiro já tinha estado na produção de outros vinhos como o Bicho do Mato (branco 2017) produzido com Dirk Niepoort no Douro e o Encurralado (branco 2019) produzido na Azores Wine Company. Além do vinho, Ljubomir já tinha elaborado uma colheita tardia chamada “Mais Vale Tarde do que Nunca”, o rum “Refugees” envelhecido durante dois anos, a cerveja “Bicho do Mato”, numa parceria com a Musa, e ainda um chá — Flower Power — feito a meias com Nina Gruntkowski. **w**

